

LIVROS & AUTORES

TERRITÓRIOS (D)E RESISTÊNCIA

- ZIBECHI, Raúl. 2015. **Territórios em resistência:** cartografia política das periferias urbanas latino-americanas. Rio de Janeiro: Consequência.
- _____. 2014. **Descolonizar el pensamiento crítico y las prácticas emancipatorias.** Autonomías y emancipaciones en la era del progresismo. Bogotá: Ediciones desde abajo.

Raúl Zibechi, jornalista, escritor e militante social uruguaio analisa as lutas sociais latino-americanas a partir do ponto de vista de quem está em luta. Em muitas visitas e encontros mantém seu olhar entrelaçado com as experiências de companheiras e companheiros dos mais diversos movimentos emancipatórios: indígenas, sem-terra, mulheres de bairros populares, movimentos de favela. Ao mesmo tempo focaliza sua atenção nas “sociedades em movimento” que, num sentido amplo, encontram-se nas periferias urbanas e rurais, resistindo e construindo territorialidades-outras, que seguem lógicas não totalmente submetidas às do capital. Motivação e ao mesmo tempo perspectiva que permeiam o livro “Territórios em resistência: cartografia política das periferias urbanas latino-americanas”, recentemente traduzido para o português, e que estão muito bem descritas pelas próprias palavras do autor: “Certamente, nem todos os bairros e cidades autoconstruídas apresentam a mesma trajetória, e, em vários, casos, estão muito distantes de conformar modos de poder popular ou autogoverno local. Mas parece fora de dúvida que esses espaços abrigam potencialidades de mudança social que ainda não fomos capazes de descobrir em toda a sua magnitude” (ZIBECHI, 2015, p. 52). Um olhar que não parte dos centros, tem levado Zibechi a aprofundar a proposta de “Descolonizar el pensamiento critico y las rebeldias” em diálogo com uma diversidade de movimentos de Argentina, Brasil, Bolívia, Chile, México, Paraguai, Peru e Venezuela em uma incessante busca de “autonomías y emancipaciones en la era del progresismo”: “El pensamiento crítico no puede nacer si no es en relación con las luchas de los oprimidos por su emancipación. Aunque

más tarde se lo codifique en teorías académicas y programas políticos, es en los conflictos de clase, de raza y de género donde brotan los sentires y haceres que son la materia prima sobre la que trabaja la reflexión, Creer que las cosas no pueden ser de otro modo (...) es un modo colonial de ver el mundo” (ZIBECHI, 2014, p. 15).

Sumário

Prefácio à edição brasileira

Apresentação, *por Eduardo Tomazine Teixeira e Timo Bartholl*

1. Periferias urbanas: contrapoderes dos de baixo?
2. Territórios da dominação e das resistências
3. Governos e movimentos: entre a autonomia e as novas formas de dominação
4. A arte de governar os movimentos
5. Rumo aos territórios da emancipação
6. A recriação do laço social: a revolução dos nossos dias

Sumário

Presentación

Prólogo a la edición mexicana

Hacer el mundo con nuestras propias manos

Agradecimientos

Sección I. Las sociedades en movimiento

- Introducción. Colonialismos y movimientos antisistémicos
- Nuevas formas de hacer: la construcción de otro mundo en América Latina.

Entrevista de Michael Hardt y Álvaro Reyes a Raúl Zibechi

- La revolución descolonizadora del zapatismo

Sección II. Los movimientos en la era progresista

Argentina

- Bachilleratos populares. Aprender en movimiento
- Villa 21, padre Pepe: aprender con los pobres
- Villa 31 – Retiro. La autonomía es tan necesaria como posible

Brasil

- Mães da Maio. La difícil democratización del Estado genocida
- Los Sin Techo de Bahía. La utopía del “buen vivir”
- Lor Comités Populares contra la FIFA
- Río de Janeiro: de la ciudad maravillosa a la ciudad negocio
- Debajo y detrás de las grandes movilizaciones

Bolivia

- Cochabamba. De la guerra a la gestión del agua
- Santa Cruz de la Sierra. Resistencia y cambio social en el corazón del racismo
- TIPNIS. Un triunfo de la gente comun

Chile

- Otra educación es posible
- Del terremoto social al tsunami político-econômico

Paraguay

- Bañados de Asunción. La potencia de la comunidad
- Las mujeres en el centro de las resistencias

Perú

- Resistencia a la colonización de la minería

Venezuela

- Para quebrar el rentismo petrolero
- Cecosesola: el mundo nuevo desde lo comunitario

Sección III. Los progresismos como nuevas formas de dominación

- El pensamiento crítico en el laberinto del progresismo
- Formación de un nuevo bloque de poder em Uruguay
- Hacia un nuevo modelo de dominación
- El Buen Vivir como el “otro mundo posible”

Sección IV. Abajo y a la izquierda

- Descolonizar el pensamiento crítico y las prácticas emancipatorias

MARCOS, Subcomandante Insurgente. 2008. **Nem o centro e nem a periferia:** sobre cores, calendários e geografias. Porto Alegre: Deriva.

Em dezembro de 2007, realizou-se em San Cristóbal de las Casas, no México, o *Colóquio em Memória a Andrés Aubry* (antropólogo e cientista social francês que trabalhava e vivia no México) reunindo um grupo de intelectuais comprometidos e apoiadores da luta zapatista. Nesta ocasião, o Subcomandante Marcos apresentou sete comunicados que versam sobre “cores, calendários e Geografias” e que formam um rico retrato de uma construção de teoria mergulhada em experiências de luta na região de Chiapas, território de resistência dos Zapatistas. As próprias palavras do Sub Marcos bem expressam o espírito do livro e o porquê do lema “Nem o centro, nem a periferia”: “Nós pensamos que não se trata só de evitar as armadilhas e concepções, teóricas e analíticas neste caso, que o centro põe e impõe à periferia. Tampouco se trata de inverter e agora mudar o centro gravitacional para a periferia, para daí 'irradiar' ao centro. Acreditamos, ao contrário, que essa outra teoria, da qual alguns dos traços gerais foram apresentados aqui, deve romper também com essa lógica de centros e periferias, deve então ancorar-se em realidades que irrompem, que emergem, e, assim, abrir novos caminhos” (p. 191).

Sumário

Apresentação, *por Alexander Maximilian Hilsenbeck Filho*

I – Acima, pensar o branco. A Geografia e o calendário da teoria

II – Escutar o amarelo. O calendário e a Geografia da diferença

III – Tocar o verde. O calendário e a Geografia da destruição

IV – Degustar o café. O calendário e a Geografia da terra

V – Cheirar o negro. O calendário e a Geografia do mundo

VI – Olhar o azul. O calendário e a Geografia das memórias

VII – Sentir o vermelho. O calendário e a Geografia da guerra

JONG, Rudolf de. 2008. **A concepção libertária da transformação social revolucionária**. São Paulo: Faísca.

Rudolf de Jong, antropólogo holandês foi pesquisador durante mais de três décadas, até 1994, do Departamento de Anarquismo na Espanha e na América Latina do Instituto Social (I.I.H.S.) de Amsterdã. Em 1975 apresentou um trabalho na “Conferência sobre História e Ciências Sociais” na UNICAMP de Campinas que em 2008 foi reeditado e publicado pela editora Faísca. O livro traz uma análise sucinta, nem por isso desprovida de profundidade, sobre “A concepção libertária da transformação social revolucionária”. Nisso, baseia-se em uma perspectiva da luta de classes como uma luta entre centros e periferias, que mesmo que entendidas pelo autor, primeiramente, como relações sociais, dialogam com noções de uma ideia geográfica, isto é, da efetiva espacialização destas relações: “A situação 'periférica' de uma área é criada; é o resultado da exploração por outra área, isto é, o centro” (p. 33). A luta pela superação desta relação de dominação, que encontra uma expressão espacial nos mais diversos territórios periféricos, Jong analisa comparando histórica e politicamente as correntes autoritárias e libertárias do campo do socialismo revolucionário defendendo a importância de superar não somente os centros tais como eles existem, mas a própria relação centro-periferia: “Os anarquistas não desejam tomar o centro; desejam sua destruição imediata. É sua opinião que, depois da revolução, dificilmente haverá lugar para um novo centro na nova sociedade” (p. 40).

Sumário

Nota do editor

Apresentação: da periferia para o centro: sujeito revolucionário e transformação social, *por Felipe Corrêa*

I. Introdução

II. O movimento anarquista

III. As forças sociais por trás da transformação social

1. A concepção do centro a respeito das forças por trás da transformação social

- A livre empresa e o Marxismo

2. A concepção periférica sobre as forças por trás da transformação social

- Anarquismo

3. Algumas realidades por trás das teorias

IV. A estratégia da transformação social revolucionária

1. A organização da luta

2. Mentalidades e valores

V. As realidades da transformação revolucionária

1. Revoluções periféricas

2. ...conquistadas por marxistas e centralistas

3. Guerrilha

VI. Conclusões

ERVIN. Lorenzo Kom'boa. 2015. **Anarquismo e revolução Negra e outros textos do anarquismo Negro**. Rio de Janeiro: Coletivo Editorial Singuilar.

As lutas de resistência em territórios periféricos no Brasil historicamente são também lutas contra a dominação racial. É neste espírito que foi traduzido o livro *Anarquismo & revolução Negra* do lutador social antirracista norte-americano, Lorenzo Kom'boa Ervin. Neste livro, baseado em experiências de luta entre outras junto aos Panteras Negras e posteriormente em estudos realizados nos muitos anos que encontrou-se na prisão (onde também escreveu este texto), Ervin não somente analisa a supremacia branca nos Estados Unidos como critica o racismo que permeia também o próprio movimento anarquista. Não que o campo libertário não tenha o que contribuir com a luta pela Libertação Negra e a Justiça Racial, sobretudo para pensar, é essa a proposta principal do livro “Onde está a luta Negra e para onde deveria estar indo?” Uma questão que deve buscar respostas, segundo Ervin, na construção de Comunas Negras nos bairros periféricos de maioria Negra “rumo à Revolução Negra” (p. 117). O livro é disponibilizado pelo Coletivo Editorial Singuilar em formato pdf. para leitura e reimpressão no site do coletivo Das Lutas: <<https://daslutas.wordpress.com/2015/11/20/anarquismo-e-revolucao-negra-pdf-para-impressao-em-grafica/>>.

Sumário

- Nota de Lorenzo Kom'boa Ervin à edição brasileira
- Mate o branco que existe em você!, *por Coletivo Editorial Singuilar*
- Sobre anarquismo, eurocentrismo e supremacia branca
- Dedicatória para a segunda edição de Anarquismo e Revolução Negra

- 1 - Uma análise da supremacia branca
- 2 - Onde está a luta Negra e para onde deveria estar indo?
- 3 - Teoria e Prática Anarquista

Timo Bartholl
PosGeo-UFF, Núcleo de Estudos sobre
Regionalização e Globalização (NUREG)